

A INDIFERENÇA GERANDO VIOLÊNCIA

Wilma Novaes Teixeira de Oliveira

RESUMO

A violência sempre esteve presente na vida humana. Mas o homem, por se tratar de um ser cognoscível, também procurou meios para evitá-la, seja por comodidade seja por questões ideológicas. O interesse seta no subjugar, individual ou coletivamente, seu comportamento perante os dogmas sociais.

Palavras-chave: violência, indiferença, globalização.

ABSTRACT

The violence always was present in the human life. But the man for being a “ser cognoscível”, also looked for ways to prevent it, either for the comfort or ideological questions. The interest is overwhelming individually or collectively its behavior before the social dogmas.

Key-words: violence, indifference, globalization.

Não de hoje, ouvimos e vemos imagens de violência como se fosse algo natural, regra de um comportamento social, e não uma exceção.

A violência parece ser reforçada pela falta de tolerância, algo também comum nos dias atuais, e pelos sentimentos de vingança, raiva, ódio e até mesmo pela satisfação na desgraça alheia, o que, igualmente, parece não nos surpreender mais. Somos tomados pelo desespero da desigualdade social, da ignorância política e pela falta de crença de que o novo sempre vem, gerando mudanças e esperança. E o que esperar do novo? Não questionamos nem tomamos qualquer atitude diante de uma realidade que nos faz colocar grades, alarmes e cercas elétricas em nossas casas, quando não vêm, de brinde, as câmaras filmadoras e vigilantes vinte e quatro horas por dia. Blindamos nossos carros, vigiamos nossos filhos e, às vezes, como tentativa de protegê-lo lhes damos celulares, selecionamos seus amigos e delimitamos o tempo das suas conversas

via Internet, acreditando, assim, que o mal não os atingirá.

Mas, afinal, o que entendemos por violência?

Segundo Morais (1985, p.24):

“(...) violência esta em tudo que é capaz de imprimir sofrimento ou destruição ao corpo do homem, bem como o que pode degradar ou causar transtornos á sua integridade psíquica. Resumindo: violentar o homem é arrancá-lo da sua integridade física e mental”.

Então, podemos dizer que as classes sociais menos favorecidas economicamente já são produtos de violência, e não geradoras dela, como alguns de nos cremos.

Com isso, perdemos parte da nossa verdadeira identidade, quando somos indiferentes aos acontecimentos sociais e nos ocultamos mediante uma realidade, em que, na maioria das vezes, não a construímos, mas nos permitimos ser sucumbidos por uma fantasia social de que “nada mudará, então não há muito que fazer”. Assim, nosso eu precisa ser sufocado para atender Às conveniências, nem sempre acreditadas por nós, gerando aqui outro tipo de violência, aquela que nos oprime à nossa própria existência.

Buscamos desesperadamente um porto seguro. Talvez “nunca” o encontremos, pois, em grande maioria, somos seres invisíveis. Em parte relevante das interações supostamente sociais, as relações são pautadas em interesses, naquilo que podemos oferecer. Se nada temos, nada somos, o que nos descaracteriza do contexto, colocando-nos no lugar de coisa e nos excluindo do grupo seletivo da raça que denominamos humana.

Como vivemos na era do ter, da produção, do consumismo, da globalização (quase “nunca” compreendida), importa isso dizer que o ter, o produzir o consumir também ganham significados diferentes, indo ao encontro do momento histórico. Temos medo de não corresponder À expectativa do outro; produzimos a violência da ignorância política, religiosa e, a maior de todas, a da cultura. Esta nos faz acreditar que é melhor não ver, ou se proteger a qualquer custo de todas os tipos de violência, principalmente da urbana, da qual julgamos não ser problema nosso.

Colocamos sempre a culpa ou, melhor dizendo, racionalizamos, assim, a responsabilidade, associando-a ao sistema, o qual é desorganizado e mal estruturado, não por falta de condições financeira, mas por falta de pessoas comprometidas com as questões sociais. “Esquecemos” que o sistema somos nós, que é produzido e feito por nós, que delegamos poder para que alguém nos represente de acordo com nossos ideais políticos, conscientes ou não. Com isso, consumimos idéias, padrões normatizados e a realidade que melhor nos convier.

Quanto ao sujeito, criamos um estereótipo que nos facilita o julgamento de seu comportamento, e isso nos permite “esquecer” que não existe ato isolado. Ele vem carregado de um conjunto de elementos subjetivos que são incorporados à sua construção e, quando externalizados, podem vir com a agressividade, ódio, entre outros sentimentos e características de comportamentos negativos. Assim, o conflito de identidade parece algo normal e natural nas grande metrópoles, tanto quanto os paredões de concretos que as compõem. No mais das vezes, nem percebemos sua existência e deixamos de ver que, por trás ou dentro dos paredões, sua construção representa algo delicado e sensível, pronto para ser apreciado.

Contudo, se não conseguimos nos perceber como sujeito, de que modo posso me ver espelhando no outro, que também não tem rosto, e é mais um número neste universo de seres inexistentes, mergulhados em suas próprias confusões que, às vezes, não permitem a elaboração de um autoconceito ou a consciência de si mesmo, nesta busca desesperada por algo que não sabemos o que é. Perdemos-nos quando tentamos nos encontrar em meio a tantas contradições sociais. Os juízos de valores, crenças e normas instituídas mudam sem muito critério, tão fáceis e rapidamente que, quando supomos estarmos adaptados, está na hora de reavaliar todos estes conceitos, para não nos tornamos inconvenientes sociais, embora, constantemente, muitos não se dêem conta desta necessidade.

Violentamos nosso eu, agredimos nossos sonhos e desejos, tornamos-nos reféns de uma realidade construída de acordo com nosso mapa mental, o qual processa todas as informações recebidas do mundo externo, atribuindo significados de acordo com a construção interna já existente. Ou seja, minha realidade, às vezes, permite-me utilizar a negação, pra ver somente aquilo que quero, e ignorar tudo que de repente pode causar angústia, dor e sofrimento. Por exemplo, a violência estampada nas telas das TVs, nos

jornais, nas praças e ruas. Aqui, não nos referimos tão-só à violência física que, automaticamente, gera dor psicológica, mas àquela que nos expõe à condição de seres alienados, voltados para um conformismo social.

Se as atitudes são aprendidas, este século nos ensina – com muita facilidade – como adotarmos a violência em seu mais mórbido requinte de crueldade. Hipoteticamente, poderíamos dizer que somos indiferentes à desgraça alheia, ao descaso social e à própria agressão que é infligida ao sujeito, tirando dele o direito de sonhar com uma sociedade justa e igualitária.

A violência, aqui, passa a ser exceção, não regra, como espantosamente pode ser vista na atualidade. Criamos, com isso, uma sociedade em que as adaptações sociais se tornam peças fundamentais que permitirão melhor formação de impressão, alicerçadas no julgamento e na percepção que temos do outro, quer seja na condição de alienados quer de supostamente conscientes (se for conveniente) para manter intacta a identidade que acreditamos se mais bem aceita nesta teia que nos prende. E nos faz negar o que realmente somos, para estabelecer uma interação social moldada nos padrões que nos categorizam e nos estigmatizam como normais ou não.

Por isso, acredita-se que é necessário tentarmos entender nossa história, situação em que possamos fazer e ser parte de um todo, que permita, em cada crise de identidade, nos vermos e refazermos, e que na violência gerada, seja pelo desajuste social, pela angústia, seja pela ansiedade de sermos percebidos – possamos ser vistos como pessoa, sujeitos às imposições que não soubemos muitas vezes suportar. Não por incapacidade pessoal, mas por pressão social que está além dos nossos limites considerados “normais”, os quais nos colocam numa prisão que não tem grade, mas prende tudo aquilo que supostamente desejamos alcançar. Que possamos ser livres para conquistar o mundo, não só o imaginário, mas o real e o alcançável.

Ou como diz o poeta Aquitalino Teixeira de Oliveira:

“Quero existir com minhas idéias;

Num estado natural;

(...) permanecer é impossível;

Com promessas vãs, premeditadas, construídas e fabricadas;

(...) duma felicidade prometida;

Tão antiga que acostumaram a sofrer”.

REFERÊNCIA BLIBLIOGRÁFICA

REGIS, de Moraes. O que é Violência Urbana. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

BRAGHIROLI, Elaine Maria, et al. Temas de Psicologia Social. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

RODRIGUES, Aroldo, et al. Psicologia Social. Petrópolis: Vozes: 2001.